

O cotejo entre o texto latino e a tradução da Oração de Sapiência de F. Machado encontra-se bastante facilitado pela apresentação dos dois textos, lado a lado, com notas de rodapé à tradução. Já o mesmo não se pode dizer da disposição das duas elegias do mesmo autor (pp. 30-47), cuja tradução surge no seguimento do texto latino.

Em jeito de conclusão, consideramos que a obra de Carlota Miranda vem, seguramente, contribuir para lançar novas luzes sobre um período de transição da nossa história/literatura que nem sempre tem sido tratado com a atenção que merece. De facto, o estudo da autora oferece-nos uma visão privilegiada do ambiente cultural e social dos começos do século XVII, “quando no ar andavam já os ventos da Restauração”, que viria a ter lugar onze anos depois de ter sido proferida a Oração de Sapiência de F. Machado.

ANTÓNIO ANDRADE

**Delfim Ferreira Leão, *Sólon, Ética e Política*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, 522 pp. [ISBN: 972-31-0935-2]**

Inicialmente apresentado como dissertação de doutoramento em História da Cultura Clássica, que Delfim Leão defendeu em 2000, na Universidade de Coimbra, este estudo, com ligeiras alterações, foi publicado em finais de 2001, pela Fundação Calouste Gulbenkian, disponibilizando a um público mais alargado um conjunto de informações úteis e preciosas sobre “a realidade ática, na viragem do séc. VII para o VI” (p.11), e sobre uma personalidade ímpar da Cultura Clássica, Sólon.

A obra em epígrafe divide-se em duas partes. Na primeira, a que o A. dá o nome de *Testimonia* são apresentados, traduzidos e analisados passos de diversos autores, “com o intuito de seguir a atenção crescente que a figura de Sólon despertou nos círculos intelectuais e políticos e, sobretudo, com o objectivo de avaliar a fiabilidade relativa das fontes” (p.11). Desta feita, o A., ao longo de sete capítulos, coloca-nos à consideração os testemunhos de maior confiança: Heródoto (I.1), que nas *Histórias* apresenta o primeiro grande testemunho literário relativo à figura do antigo legislador ateniense; vozes dispersas, que partilhavam entre si um sentimento de regresso ao passado glorioso de Atenas, designadas pelo tema da *patrios politeia* (I.2); relatos da história local de Atenas, à maneira de crónica, a *Atthis*, que, através dos seus autores — os Atidógrafos —, veiculavam informações sobre acontecimentos marcantes da vida da cidade (I.3); oradores áticos (I.4), os quais se revelam uma importante fonte para conhecer a obra de Sólon, por citarem com frequência normas da autoria do legislador, embora algumas lhe fossem abusivamente atribuídas; Aristóteles (I.5), um dos testemunhos individuais mais importantes para delinear o perfil do legislador, através da análise da *Constituição dos Atenienses* e da *Política* e da harmonização de dados relativos a Sólon, pelo confronto de uma obra com a outra; Plutarco (I.6), cujo testemunho é de “capital importância” (p.173), ao disponibilizar-nos, com a *Vida de Sólon* e o *Banquete dos*

*Sete Sábios*, “o conjunto mais completo de informação sobre o estadista ateniense” (p.200); finalmente, Diógenes Laércio (I.7), um autor que deve ser analisado com algumas reservas, mas, ainda assim, revela algum interesse, nomeadamente quando dá a conhecer fragmentos da produção poética de Sólon ou opiniões de outros autores.

Na segunda parte, o A. começa por traçar o “diagnóstico da situação de Atenas” (p.212), no momento em que o reformador assume os destinos da *polis* (pp.215-238), para de seguida, sempre discutindo as fontes, apresentar os dados biográficos de Sólon (II.2). No capítulo 3, relativo às medidas de emergência levadas a cabo pelo legislador, abordam-se as questões da *seisachtheia* (que terá levado à supressão do estatuto do hectêmore), da limitação das exportações e importações de produtos agrícolas, e da reforma dos pesos e medidas. A questão relativa à reforma constitucional ocupa o cap. 4, nomeadamente a discussão da composição das classes censitárias (II.4.1) e da forma de aceder aos diferentes cargos e instituições (II.4.2.-4.). A actividade legislativa ou *nomothesia*, enquanto um dos aspectos mais importantes da actividade de Sólon, é tratada em dois momentos: no primeiro, discute-se como teria sido apresentado o código do legislador, de forma a ser conhecido e referido por todos (II.5); no segundo, Delfim Leão apresenta a obra legislativa do reformador, analisando as leis autênticas e discutindo outras, de atribuição duvidosa. O derradeiro capítulo é dedicado à produção poética de Sólon, na sua dupla vertente: por um lado, enquanto “importante material em primeira mão para o estudo da obra do reformador” (p.401), por outro, enquanto obra literária, na qual se pode constatar uma maneira muito peculiar de registar a realidade.

A estruturação do trabalho, a profusão de testemunhos de autores antigos, sempre acompanhados de uma tradução cuidada, rigorosa e agradável, a abundância de notas, completando o corpo do texto e discutindo as opiniões de autores modernos, a preocupação em elaborar conclusões no final de cada capítulo, preparando sempre o estudioso ou leitor para a matéria seguinte, e a escrita fluente e elegante fazem desta obra um valioso instrumento de trabalho para aprofundar a personalidade e a época em questão.

A existência de uma ou outra gralha (*e.g.* p. 56, nota 46 ‘obectivo’ por ‘objectivo’; p. 62 ‘encontrar-se’ por ‘encontrar-se’) não deslustram a qualidade geral da obra, nem o extremo rigor colocado na sua elaboração.

A bibliografia, distribuída por duas secções, ‘Edições e Comentários’ e ‘Estudos’, revela-se bastante completa e actualizada. Para além disso, os índices, um para os ‘Autores antigos’, outro para os ‘Autores modernos’, juntamente com um índice geral bastante pormenorizado e de fácil visualização, são também um bom auxiliar à pesquisa.

Ao ter acolhido esta obra na série Manuais Universitários, a Fundação Calouste Gulbenkian torna-a acessível a estudiosos e investigadores, com a qualidade e o bom gosto a que já nos habituou.

Este livro de Delfim Leão fica, assim, como uma obra de muito interesse, uma referência obrigatória para o estudo de Sólon, da sua época e de todo o seu legado.

ANTÓNIO M. GONÇALVES MENDES

**Aristófanes, *As mulheres que celebram as Tesmofórias*. Introdução, versão e notas de Maria de Fátima Silva. Lisboa, Edições 70, 2001.**

O Instituto da Investigação Científica (INIC) havia já publicado, em 1978 e 1988, respectivamente, *As mulheres que celebram as Tesmofórias*. O aparecimento, entretanto, de bibliografia actual sobre a obra e a transformação profunda operada no texto em função de novos estudos críticos que foram surgindo, justificavam, porém, uma terceira edição, remodelada, da comédia da peça. Neste contexto, as Edições 70, sob a direcção do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, acabam de integrar na colecção *Clássicos Gregos e Latinos*, com o número 30, a comédia de Aristófanes.

De acordo com o espírito que anima esta colecção, o volume consta de uma *Introdução* interpretativa e de uma *Tradução* portuguesa acompanhada de *notas explicativas*.

Na *Introdução* (pp. 11-30), que aborda a temática e as questões que a peça suscita, foram mantidos, quase na íntegra, os blocos temáticos que compunham o capítulo introdutório das 1ª e 2ª edições: *As mulheres que celebram as Tesmofórias e a sua inserção na produção dramática de Aristófanes* (pp. 11-15) e *Realização da paródia e crítica literárias em As mulheres que celebram as Tesmofórias* (pp. 15-30). Apraz-nos, todavia, verificar que algumas das reflexões sobre a peça sofreram, como, aliás, adverte, em *nota prévia*, a própria A., uma actualização, “em função de bibliografia de importância entretanto publicada em diversos países” (p. 9). A integrar o capítulo introdutório, encontra-se uma *Bibliografia*, cuidadosamente seleccionada e actualizada (pp. 31-33). A pertinência de *Edições e traduções* e de *Estudos* críticos recentemente publicados terá ditado a sua inclusão num conjunto de referências bibliográficas que, já nas duas primeiras edições, havia sido apresentado.

No que diz respeito à *Tradução*, é de saudar que Maria de Fátima Silva tenha optado por basear esta versão portuguesa no texto estabelecido por A. Sommerstein (Warminster, 1994), já que a “velha edição de V. Coulon (Paris, Belles Lettres, reimpr. 1967), que servira de base às traduções anteriores, ficou entretanto envelhecida” (p. 9). A fidelidade ao original grego e a simultânea capacidade por parte da A. de tornar a leitura da peça agradável e divertida confirmam-se.

De louvar é, ainda, a manutenção das notas didascálicas, que informam o leitor dos recursos cénicos utilizados pelo teatro grego. Nesta edição, adquiriram outro relevo gráfico, já que, em vez de pospostas aos nomes que introduzem as